

Meio Dia¹

Raniel XAVIER²

Felipe MENDONÇA³

Benedita de Fátima DELBONO⁴

Renato TAVARES JUNIOR⁵

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Meio-Dia é uma inspiração no conto “A ilha ao meio-dia” da obra “Todos os Fogos o Fogo” de Julio Cortázar de 1966. A ideia central converge na produção de uma versão contemporânea inspirada no referido conto, por meio da fotografia em movimento, objetivando o estudo da Semiótica e o modo de expressão, linguagem, por meio das ferramentas e técnicas disponíveis e estudadas atualmente, a fim de refletir sobre a aproximação das linguagens fotográficas e audiovisual acentuada pela tecnologia digital e pela convergência das mídias.

PALAVRAS-CHAVE: linguagem; semiótica; fotografia; convergência; tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Meio-Dia é uma inspiração no conto “A ilha ao meio-dia” da obra “Todos os Fogos o Fogo” de Júlio Cortázar de 1966. A ideia central converge na produção de uma versão contemporânea inspirada no referido conto, por meio da fotografia em movimento, objetivando o estudo da Semiótica e o modo de expressão, linguagem, por meio das ferramentas e técnicas disponíveis e estudadas atualmente, a fim de refletir sobre a

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria CA 07 Fotografia em movimento (avulso ou seriado).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: rany_almeida@hotmail.com.br.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso Rádio e TV, email: felipe.atena.daniel@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Rádio e Tv, email: beneditafdelbono@anhembimorumbi.edu.br

⁵ Coordenador do curso de Rádio e TV; email: rtv@anhemi.br

aproximação da linguagem fotográfica com o audiovisual acentuado pela tecnologia digital e convergência das mídias.

Ademais, o produto deve refletir os estudos da semiótica, notadamente índice, ícone e símbolo de acordo com os estudos da semiótica de Charles Sanders Peirce e, também, integrar o Programa “Uma Universidade que Lê”, com indicação de uma obra literária, para leitura e reflexão cuja indicada pela disciplina Estudos da Semiótica “Todos os Fogos o Fogo” de Júlio Cortázar.

O produto conta a história de Jorge, um homem simples e engraçado que vive em uma rotina de ilusões quanto ao seu trabalho e vida social, só que tudo isso é transformado após ver uma linda moça, Michele, em um cruzamento, e perdendo a atenção por uns momentos quase sofre um acidente, sendo socorrido pela moça que lhe chamou a atenção, Jorge resolve mudar drasticamente sua vida em busca de seus sonhos.

Verificam-se no produto os símbolos, os índices e os ícones enfatizados pelo seu registro no decorrer do desenvolvimento do produto.

No tocante a obra indicada “Todos os fogos o fogo” como inspiração para a produção é importante o que diz a crítica, no sentido de que o autor é considerado um dos escritores mais inovadores e originais de seu tempo, mestre do conto curto e da prosa poética, o autor argentino Júlio Cortázar que viveu de 1914 a 1984 revelou em “Todos os fogos o fogo” imagens bem examinadas do cotidiano e seu lado solidário nas relações humanas.

2 OBJETIVO

O objetivo é o estudo da semiótica por meio da linguagem expressada pela fotografia com o uso da tecnologia demonstrando a sua aproximação do audiovisual cuja importância à convergência das mídias.

Assim sendo, os principais estudos da semiótica se fizeram representar pelos movimentos cuja inspiração se dera em face do conto. Portanto, o objetivo principal é aliar o conteúdo à forma.

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica pela crescente demanda de adaptações audiovisuais de textos literários contribuindo para a produção nacional ficcional. Diante da dificuldade de compreensão de teorias da Comunicação e de elementos semióticos, a disciplina Estudos da

Semiótica optou por envolver os alunos de Rádio e TV na realização de um trabalho prático audiovisual que pudesse experimentar com recursos imagéticos os conteúdos estudados nas aulas teóricas.

Procura-se enfatizar a linguagem por meio das tecnologias sem perder a qualidade do conteúdo, haja vista que, a fotografia não é um signo acidental, não é algo que, por acaso, significa alguma coisa para o sujeito, vez que o objeto da fotografia - papel ou digital – já nasceu no intuito de significar seu objeto.

Por outro lado, a aproximação da linguagem fotográfica com a audiovisual, decorrente das recentes transformações da tecnologia fotográfica. Enquanto mídias analógicas e a fotografia foram referências conceituais mútuas e com a tecnologia digital e a convergência das mídias, este processo se acentuou.

É certo pois, que a fotografia tem passado por profundas transformações decorrente da intensa e recorrente renovação tecnológica a que vêm sendo submetida desde que informática e imagem passaram a trilhar um percurso cada vez mais convergente.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A partir do momento que o roteiro foi concebido, começou o processo do storyboard. Imaginar todo o produto, como ele seria antes de ser filmado. Para cada plano foi pensado em seu propósito, para alcançar isso nos fizemos algumas perguntas. “o que os personagens estão sentindo? Quais suas motivações? Seus conflitos? O que a cena representa?”. E a partir dessas perguntas, os planos, enquadramentos, iluminação, fotografia, arte foram sendo criadas, para evidenciar e potencializar as emoções dos personagens em cena, seus dramas, e conflitos. Foi à preocupação de contar a história por meio das imagens, cada plano tem um sentido, um propósito. Seja ele mero descritivo, ou para evidenciar um sentimento em cena. Por exemplo, em uma cena em que o personagem principal que vive uma vida medíocre e rotineira, de repente se depara com uma linda garota que o ajuda após quase ter sido atropelado, vemos em seu rosto um leve sorriso de satisfação enquanto a câmera se aproxima levemente em um travelling, potencializando assim sua emoção, um artifício muito utilizado pelo cineasta Steven Spielberg. Ou como na cena em que o personagem principal esta levando uma enorme bronca do seu Chefe... Mesmo o ator que interpreta o chefe ser muito mais baixo e magro que o personagem principal Jorge, ele ganha força e autoridade a partir do momento em que o enquadraramos em um plano plongée, (de baixo

para cima) o personagem aparenta muito maior e mais ameaçador do que realmente é, por outro lado Jorge fica sentado em sua cadeira, diminuído e sem voz, enquanto o chefe ocupa quase 2/3 da imagem, dando a sensação que Jorge está sendo engolido e sufocado.

Também entendemos a importância de um Close nos personagens, aprendemos isso analisando e estudando filmes do diretor David Fincher. Para ele o Close do rosto de um personagem é sagrado, e foi o que tentamos fazer no “Meio-dia”. Apenas usamos o close em momentos de importância, o reservando, para quando fosse necessário causar um impacto muito maior para o espectador.

Por meio da fotografia também criamos uma relação simbólica entre um semáforo na avenida e as atitudes da vida. No momento em que nosso personagem principal precisa tomar uma atitude que pode mudar a vida dele, mas fica receoso, podemos ver o semáforo vermelho ao fundo, em segundo plano, ao mesmo tempo em que vemos a mão do protagonista em detalhe, e no momento que o semáforo fica verde, ele fecha o punho com força e finalmente decide ir atrás do seu objetivo.

Neste sentido RIBEIRO (2010):

Vivemos rodeados por símbolos, são eles desde o aceno de mãos em uma despedida ao alfabeto que utilizamos para falar e escrever. Embora a literatura sobre o simbólico se utilize de diversas definições reducionistas para a palavra "símbolo", é certo que, ao explicarmos o simbólico, sempre resta algo intraduzível, pois o símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas sem apreender todas as suas possibilidades. A redução ou especialização extrema do sentido de um símbolo costuma ter como consequência a degradação do significado, tornando-o uma insignificância alegórica ou atributiva (CIRLOT, 1984, p. 5). Além disso, a percepção do símbolo é também pessoal, visto que, em seu processo de formação, o ser humano acrescenta às experiências pessoais valores culturais e sociais herdados da humanidade que o precedeu até então.

O signo funciona como símbolo se, em relação ao objeto que ele representa, for um legi-signo, ou seja, uma lei que é um signo.

Sobre o conceito de lei, Santaella (2005) diz que:

A lei funciona, portanto, como uma força que será atualizada, dadas certas condições. Por isso mesmo, a lei não tem a rigidez de uma necessidade, podendo ela própria evoluir, transformar-se. Contudo, em si mesma, a lei é uma abstração. Ela não tem existência concreta a não ser através dos casos que governa, casos que nunca poderão exaurir todo o potencial de uma lei como força viva.

Para a autora, a lei de interpretação já está contida no próprio signo, permitindo que produza um signo interpretante ou uma série de signos interpretantes. Dessa forma, o signo

é interpretado como sendo signo devido à lei, porque o legi-signo funciona como uma regra que determinará seu interpretante.

No tocante ao desenvolvimento do produto, apesar do baixo orçamento e da falta de equipamento disponível, ainda sim conseguimos criar movimentos de câmera como o travelling. Nossa saída foi a criatividade. Para uma das cenas que era necessário travelling, colocamos a câmera no tripé, e posicionamos o tripé em cima de um papelão, com uma vassoura empurramos o papelão. O efeito foi incrível, próximo de um equipamento para travelling de verdade. Esse recurso foi utilizado duas vezes na seqüência que mostramos a rotina do protagonista em sua casa. Já na rua, quando foi necessário movimento de câmera como esse, foi usado um skate, onde o cinegrafista sentava-se em cima, e era empurrado. O efeito novamente foi melhor do que se esperava.

A câmera usada foi uma T5I, com uma lente zoom, de 18mm – 135mm, abertura F3,5-F5,5 e um lente 50mm de abertura F1,8.

Grande parte do filme foi gravada em uma avenida de grande movimentação, a Avenida Paulista, portanto não tínhamos controle sobre o ambiente e os pedestres. Então para cenas que era de extrema importância as atenções dos espectadores estarem em nossos personagens, pois estavam expressando suas emoções ou sentimentos, nós usávamos a lente em 135mm, que causava um enorme desfoque no fundo, assim nós direcionamos toda a atenção e o olhar do espectador para nossos personagens em foco, evitando distrações do que era realmente importante na cena.

Para a seqüência no parque gastamos um tempo a mais pensando na composição do quadro, pois essa seqüência representa um momento de felicidade, e beleza na vida dos nossos personagens. É o início da relação entre Jorge e Michele, seu amor começa aflorar, queríamos que se parecesse como um conto de fadas, uma fantasia, um sonho, um lugar belo e feliz, longe dos problemas da cidade. Antes de gravar exploramos bem todo o parque em busca dos cenários mais bonitos. Escolhemos gravar no entardecer, durante a hora de ouro, e quando avistamos uma linda árvore cerejeira com pétalas rosas que se destacava de todos o resto do parque, tivemos a certeza que seria o cenário ideal para uma das cenas mais importantes do produto, o momento da declaração de amor dos personagens, da conclusão de suas histórias.

Mas a beleza desses planos foi levada a outro nível durante a pós-produção do produto. “Meio-dia” foi construído sempre visando no próximo passo. Pensando no processo de colorização, nós utilizamos na Canon T5i um plugin chamado “Cinestyle” que permite a

câmera explorar uma gama muito maior de cores. Com esse plugin foi possível captar imagens que poderiam ser exploradas de maneira muito melhor no processo de colorização. A seqüência no parque ganhou muito mais vida à medida que o a colorização foi ocorrendo. Composições que já estavam incríveis se tornaram muito mais. As cores da cerejeira de pétalas rosa saltam da tela, deixando as pessoas hipnotizadas com sua beleza. Durante essa seqüência as cores foram puxadas para tons mais quentes e vivos, como vermelho, o dourado, enfatizando ainda mais a hora de ouro, e o magenta devido ao clima de romance e amor entre o casal

Também pela colorização conseguimos dar um clima muito mais pesado para cenas em que o protagonista tinha problemas para resolver, deixando a imagens dessaturada, sem vida, com tons de azul e verde para causar no espectador inconscientemente sentimento que as coisas não estão bem.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Meio-Dia é um produto acadêmico desenvolvido no quarto semestre do curso de Rádio e Televisão da Universidade Anhembi Morumbi, o projeto foi idealizado na disciplina de Semiótica que foi ministrada pela orientadora do produto. Produzido por uma equipe que contou com seis pessoas mais a orientadora o projeto que deu iniciou com o trabalho em que tínhamos que nos inspirar no conto “A ilha ao meio-dia”, já citado e os estudos da semiótica de Peirce e, portanto, criar um produto a nossa escolha que reflita a prática do curso.

A escolha foi a criação de um produto que tivesse como estética a montagem clássica, notadamente, a fotografia.

O produto se situa como uma comédia romântica que conta a história de Jorge, um homem normal em sua rotina até que um choque de realidade o faz seguir seus novos sonhos e objetivos.

O projeto do produto metragem se iniciou com a confecção do roteiro e nessa fase foi criada toda a estética do produto-audiovisual, personagens, locações, trama, diálogos. Com o roteiro pronto entramos na fase de pré-produção. Durante essa fase foi feito o casting, o estudo de locações, a criação de storyboard, concepção estética do filme, figuro, direção de arte. Também foi feito um levantamento dos equipamentos que poderíamos utilizar na captação, tanto de vídeo quanto de áudio, e após a preparação dos atores marcamos as datas

para começar as gravações, toda essa fase, junto com a criação do roteiro, levou cerca de um mês.

Conforme as datas marcadas, entramos na fase do projeto de produção. Os dias de gravação foram distribuídos conforme a necessidade do roteiro. Conseguimos quatro locais para as gravações, casa, avenida paulista, escritório e um parque, que devido ao número de cenas teve mais prioridade dentro do tempo de gravação. As gravações foram iniciadas e devido ao tempo que tínhamos de uma diária a outra tivemos a possibilidade de revisar o material captado para que qualquer problema pudesse ser resolvido, como refazer algum take. Toda essa fase levou também um mês para ser realizada.

Com todo material captado começou a fase de pós-produção do material. Durante essa fase foi feita a montagem da história e colorização do vídeo junto com alguns mais efeitos, como mudar as horas que estavam no relógio entre outros. Ao mesmo tempo o áudio também estava sendo trabalhado, mixagem, masterização, folley e ADR para algumas cenas que o áudio de diálogos não estava nítido, e por último foi feita a produção e procura da trilha sonora adequada. Todo o processo de pós-produção levou dois meses para ser concluído e assim o projeto final foi entregue segundo a data planejada pela disciplina Estudos da Semiótica, cuja professora da disciplina e orientadora do produto, Benedita de Fátima Delbono, com a apresentação do produto aos demais colegas de sala de aula, apresentando a análise a respeito do livro (obra) indicado e o semiótica de Charles Sanders Peirce.

6 CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho apresentado com intento de aplicação das técnicas para explicar a importância do estudo da semiótica e a sua representatividade nas várias formas de produção.

Importante considerar que a noção de representação relacionada a ideia de signos, imagens e símbolos além de outras formas de substituições é sempre de interesse dos estudos da semiótica desde a Escolástica Medieval que definia como o processo de apresentação de algo por meio de signos e Peirce, por seu turno, diz a representação com a apresentação com um objeto a um interprete de um signo ou relação entre signos e objeto.

No caso em tela, verifica-se no produto o estudo da Semiótica de Peirce e “Todos os fogos o fogo”, fora a obra de inspiração, cujo autor é considerado um dos escritores mais

inovadores e originais de seu tempo, mestre do conto curto e da prosa poética, o autor argentino Júlio Cortázar que viveu de 1914 a 1984 revelou em “Todos os fogos o fogo” imagens bem examinadas do cotidiano e seu lado solidário nas relações humanas. E da produção se verifica fortemente tanto o estudo da semiótica quanto a expressão da obra literária.

Assim sendo, o produto apresentado procurou atender aos requisitos da disciplina e ao projeto “Uma Universidade que Lê”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, R. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2000
- BELLOUR, R. **Entre Imagens** – fotografia, cinema e vídeo. Campinas. Papyrus. 1993
- CAMPANY, D. **Photography and Cinema**. Londres. Reaktion Books. 2008
- CORTAZAR, J. **Todos os fogos o fogo**. Trad. Carlos Barata. Portugal. Editorial Estampa. 1974
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo. Aleph. 2008
- MACHADO, A. **Máquina e Imaginário**. São Paulo Edusp. 2001
- RIBEIRO, Emílio Soares. **Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce**. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es_i
- Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 1, São Paulo, junho de 2010, p. 46–53
- SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Brasiliense Editora. 2003
- SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**. São Paulo: Iluminuras. 2005